

O Olhar do Sentido, Editora Reference

Parques de Estudo e de Reflexão – La Belle Idée

Quero agradecer à Claudie Baudoin pela tradução e a publicação de “O Olhar do Sentido”, nesta delicada edição da Editora Reference. Pelo seu prólogo que baixa as defesas do leitor e o predispõe para viver uma aventura interior. A Rafael Edwards, pela fotografia de Flavio a olhar para a sala do Parque Manantiales, que me pareceu perfeita para ilustrar o título do livro. Ao Robert, à Florent, a toda a equipa que colaborou nesta edição. Agradeço a todos os mestres e amigos do Parque de Estudos e Reflexão Belle Idée, por partilhar esta tarefa de procurar no fundo de si mesmo e plasmar esse encontro na nossa vida e na nossa ação.

Este livro relata a experiência vivida com o Caminho da Mensagem de Silo. Trata das experiências de Sentido de que me aproximei meditando nas frases “Quem sou?” e “Aonde vou?” e respondendo-me quase diariamente a ambas as interrogações. Porém, relata não apenas o contacto com o Sentido, mas também as lutas internas que enfrentei ao encontrar as minhas contradições e ressentimentos.

Estas perguntas despertaram um olhar interno. Contudo, esse olhar não me mostrava o que eu queria ver, essa boa pessoa preocupada e atenta aos outros, estudiosa dos problemas mundiais e da psique pessoal e dos conjuntos, mas sim um tipo cheio de enfados, degradações, a maior parte do tempo com a sua cabeça ocupada com banalidades. Quanto mais punha atenção, mais me apareciam coisas que me desgostavam de mim mesmo. Às vezes, afundado no meio de um remoinho de sem-sentido, irrompia uma experiência totalizadora e um amor enorme comunicava-me com algo imenso que não cabia em nenhuma palavra. Isto animava-me, tinha que aprender a sustentar o olhar interno, apesar de me desagradar o que ele via.

Ao princípio, esse olhar era muito implacável, talvez decepcionado pelo encontro com este “eu” um tanto inesperado, mas era isso o que verdadeiramente sou? Quando a meditação me conduzia a um nó da minha vida que não podia desatar, a pergunta pelo meu ser e o seu sentido ficava presa nessa contradição. Intuí que atrás desses conflitos estava a experiência de sentido e de cada vez que resolvia algum deles, insinuava-se a paz que procurava. Esta intuição de um sentido, do sol atrás da nuvem negra, deu-me uma nova energia para o esforço de reconciliação. Não se tratava do perdão como um costume cultural ou como uma conduta moral exigida pela convivência social, mas sim do único modo de voltar a ter contacto com algo que me enchia completamente de paz, mas também de força e de alegria. Esse olhar que ajuíza e me julga foi-se suavizando com a aceitação, a reconciliação e o riso. Continuo nisso, a despertar o olhar interno, distendendo os ruídos da consciência e pondo atenção para que esse olhar se reconheça a si mesmo.

A irrupção da experiência de sentido fez-me rever o ponto de vista sobre o ressentimento e a culpa. Anos depois, logrei compreendê-lo melhor ao estudar a vingança numa palestra de Silo dada no centro de trabalho de Grotte, na Itália.

A ótica sobre o meu ressentimento e a culpa variou depois de ter vivido uma experiência transcendente, dessas em que por um instante tudo me parece óbvio, em que sei tudo, algo tão grande e de que agora descrevo somente uma pálida recordação. Isso irrompeu enquanto me perguntava quem sou e a resposta foi: Sou, e esse sou enchia-me de certeza e de comunhão.

E disse-me: não é possível sair do ressentimento a partir do sem-sentido e, se o fosse, seria um caminho muito penoso e muito longo; além disso, nunca fica claro para que haveria de superar esse sofrimento, se no fundo o sinto muito verdadeiro; também não estou certo de chegar a uma paisagem melhor, ao dissolver as minhas culpas. Porém, se me detenho na experiência de sentido, no saber que a morte é uma farsa, uma ilusão da consciência para este momento evolutivo, o que devo fazer para superar o ressentimento torna-se bastante mais fácil.

O problema é que não temos essa experiência ou só temos vislumbres dela às vezes. Então experimentemos com um truque. Suponhamos que a vida tem sentido. Afirmemos o sentido da vida, detenhamo-nos nesse ponto de vista e tiremos as conclusões existenciais dessa hipótese. Sartre fez algo parecido, mas ao invés: suponhamos - disse - que Deus não existe e obtenhamos as conclusões existenciais dessa afirmação. Ocorreu-me este truque para comunicar o que me estava a acontecer enquanto exercitava as práticas e meditava nos passos da Mensagem de Silo.

Descobri uma coisa muito simples. Nenhum dos meus problemas, as roturas amorosas, as traições, os fracassos, nada disso foi responsável pela minha perda de sentido. A minha vida não tinha sentido muito antes do infortúnio que me ressentiu. Não tinha sentido antes do conflito e, evidentemente, também não o teve depois. No entanto, sentia que as pessoas envolvidas nesse momento tiveram a culpa de que tivesse perdido a minha felicidade e que me roubaram alguma coisa muito importante da minha vida. Essa interpretação do meu sofrimento era uma mentira ou, pelo menos, um erro. Ninguém me tinha despojado de nada essencial. Antes do acidente não era feliz, não tinha sentido, portanto não podia recriminar por isso a minha contraparte. Podia acusá-los de muitas coisas, mas não de furtar o sentido da minha vida. O livro trata, de um modo às vezes poético, de nos aproximar desta compreensão.

Avançando com isto, um dos fatores que costumam arrebatam a felicidade é a morte de pessoas queridas. Todos, alguma vez, enfrentámos esta senhora. A morte de alguém próximo é uma perda do amor, mas é sobretudo o choque de frente com algo insólito e incompreensível que é o facto de se morrer. Este é o nó existencial e a raiz de toda a contradição. É possível aproximar-se do núcleo desta questão pouco a pouco, resolvendo cada uma das finas capas que o ocultam. O livro vai rodeando o tema, como se dançando com ela me aproxime e, em algum passo do baile, a morte se desvanecesse e eu me encontrasse no centro de mim mesmo.

A minha intenção é enganar o leitor, fazê-lo crer que está parado numa hipótese e que, por estar distraído, de repente irrompa nele a experiência do sentido. Ficando assim demonstrada a suposição inicial com essa evidência irrefutável. Claro que não o consigo, mas teria gostado muito de o poder fazer.

No caminho interno as coisas não acontecem como se supõe. Esperava poder formular o sentido numa frase reveladora para orientar a vida. Bom, não foi assim; de cada vez que roço uma experiência destas, as palavras utilizadas para a expressar incham como um balão e adquirem a soberba de crer que dizem efetivamente o que me sucedeu. Parece-me estar a falar de verdades absolutas. Com o tempo, as frases perdem essa carga e afastam-se da vivência que as originou. Às vezes aferro-me a elas porque temo perder a essência que as atraiu e quanto mais me aferro, mais se afasta a experiência e a sua recordação.

Este escrito é, em alguma medida, uma anunciação. Abana o leitor e diz-lhe ‘amigo, temos um problema: parece que a vida afinal tem sentido!’ e isso traz consequências, porque então não dá no mesmo o que faço ou deixo de fazer. Se há sentido e morro sem o conhecer seria um desperdício.

Para nos aproximarmos do mundo interno onde habita a experiência de Sentido, necessitamos do olhar interno. Esse olhar está sempre na consciência, mas está adormecido ou confundido com o “eu”. Quando esse olhar começa a despertar encontra-se com um mundo interno cheio de contradições e temores e, como não suporta esse sofrimento, afasta-se dele, foge dessa interioridade, externaliza-se e refugia-se no “eu” de todos os dias.

Para compreender a experiência transcendente o olhar internaliza-se e separa-se do “eu” habitual. Isto é possível principalmente pela acumulação de unidade interna. O olhar foge da dor que a contradição produz e para isso externaliza-se, posiciona-se nos limites tácteis do espaço de representação e identifica-se com o “eu”. Ao externalizar-se, não é capaz de reconhecer os significados que provêm da profundidade e procura-os fora. A amizade, o amor, a união, já não são significados para construir no mundo humano, já que os procuro no mundo natural, perdendo a consciência no sem-sentido.

Precisamente porque há sentido, o olhar desperta para o reconhecer. Passo a passo desanuvia-se o dia, o olhar adentra-se na alma e quando encontra algo que une e dá coesão, repousa ali. Esta unidade que o olhar interno encontra, impulsiona a ação para o crescimento dessa unidade tantas vezes perdida, tantas vezes buscada.

O olhar roça quem eu sou e coloca-me num estado de consciência de si ou de consciência do ser em mim. E nesse estado sinto um centro, um algo unitivo que adquire substancialidade. Esse contacto produz uma mudança nas minhas crenças acerca da morte. À medida que cresce a unidade interna aumenta a suspeita de que esse centro não é afetado pelo nascimento nem pela morte.

Nesta altura e com estas intuições tudo dá voltas. O que parecia superficial converte-se em fundamental e o que acreditava ser importante perde a sua relevância. Reconciliar-me deixa de ser uma aspiração para tornar-se numa necessidade. A unidade interna toma consistência e o seu crescimento dá direção à minha vida.

Esta necessidade de unidade não é só pessoal, mas sim de todo o ser humano e precisamos-nos para encontrá-la. Este reconhecimento pode impulsionar uma ação conjunta para lograr a ampliação da consciência e a libertação da violência e do sofrimento.

Espero que gostem e que sirva a alguém para avançar um passo no caminho para si mesmo.

Dario Ergas
9/11/2012